

EXPANSÃO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA E MUDANÇA CATEGORIAL DE VERBOS DE PERCEPÇÃO: AMOSTRA SINCRÔNICA¹

Cláudia Andrea ROST (PG-UFSC)*

1. Introdução

Baseando-nos no traço comum de percepção de olhar e ver, neste trabalho, sem comprometimento diacrônico, apresentamos uma trajetória hipotética de mudança semântica desses verbos (de um significado mais concreto a um mais abstrato) associada a uma possível mudança categorial (de verbo a marcador discursivo²). Esses dois processos pelos quais aparentemente passam ambos os verbos foi reconstituído a partir da análise de 84 entrevistas de informantes do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Como o objetivo desta pesquisa é verificar a atuação desses itens lexicais como marcadores discursivos, tomamos como ponto de partida dessa trajetória apenas seus usos imperativos (incluindo suas alterações fonéticas) correspondentes a segunda pessoa do discurso³. No momento em que deixam de exercer sua função como item lexical pleno, tendem, no ato de comunicação, a manter resquício da acepção de origem e do imperativo canônico (que pede a resposta não-verbal do ouvinte), passando a funcionar como marcador discursivo. Essa ampliação de sentido reflete perda de valor lexical e ganho de uma multiplicidade de funções pragmático-discursivas voltadas para a situação comunicativa. Embora apresentem pontos em comum, identificamos caminhos diferenciados na trajetória de abstratização desses dois verbos.

Nesse sentido, inicialmente, apresentamos o enquadramento teórico que sustenta este estudo, baseado numa concepção funcional da linguagem. Em seguida, descrevemos brevemente a origem e expansão semântico-pragmática de cada item, desde sua base verbal como item lexical pleno, realizado via ato de fala manipulativo, até seu comportamento como marcador. Na seqüência, apresentamos a multiplicidade de funções assumidas pelos marcadores em seus contextos de uso. E, finalmente, tecemos as possíveis vias percorridas pelos verbos em seu processo de mudança no plano da significação e do estatuto gramatical.

2 Enquadramento teórico

Esta abordagem qualitativa dos dados se inscreve no quadro teórico do Funcionalismo Lingüístico postulado por Givón (1993, 1995), Heine *et alli.* (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993) e Vincent *et alli.* (1993), entre outros.

A lingüística funcionalista considera a gramática como um conjunto de estratégias que servem a uma comunicação coerente, destituída de regras fixas. Nessa perspectiva teórica, a gramática é dinâmica e resulta de regularidades advindas das pressões de uso da língua, portanto, nunca se estabiliza. Sendo assim, a gramática não é pré-estabelecida, pois se molda a partir da situação comunicativa, ou seja, ajusta-se ao uso. Em decorrência disso, gramática e discurso estão associados mutuamente, visto que, se é no discurso e sob a influência de seu contexto que a gramática emerge e nele (no discurso) se altera devido aos ajustes das formas para novas funções ou às expansões semânticas, é também a própria gramática que fornece padrões para a construção do discurso, padrões esses decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso. Assim sendo, com base nos dados coletados no ato comunicativo, pretendemos evidenciar a multiplicidade de funções que olha e veja podem assumir.

Já que a gramática é maleável e emergente, subentendemos que a língua está em constante mutação, na qual podem ser situados dois processos especiais de mudança lingüística: a gramaticalização e a discursivização.

Numa visão funcionalista, até 1970, a gramaticalização era entendida apenas como uma diacronia linear, isto é, um meio de analisar a evolução lingüística, a reconstrução histórica de uma dada língua ou grupo de línguas, ou de relacionar estruturas lingüísticas modernas com padrões anteriores de uso lingüístico. Todavia, a partir dos anos 90, alguns estudos procuram comprovar que é possível uma trajetória de mudança sincrônica, que acaba tendo como efeito uma mudança no tempo. Nesse sentido, para Hopper e Traugott (1993, p. 15), a gramaticalização é um processo unidirecional, segundo o qual há um movimento de itens lexicais⁴ e construções sintáticas que, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais⁵. Em estágio final de gramaticalização, o elemento lingüístico tende a tornar-se mais regular e previsível, podendo desenvolver novas funções gramaticais. Em síntese: itens lexicais originam itens gramaticais; concomitantemente, conceitos mais abstratos são provenientes de conceitos mais concretos, mas isso não ocorre inversamente.

Com o intuito de identificar as formas que passam pelo processo de gramaticalização, Heine e Reh (1984, p. 64) expõem as características assumidas pelas unidades que progridem nesse processo de mudança, afirmando que, quanto mais gramaticalizada uma unidade lingüística dada, mais a) perde complexidade semântica, significado funcional e/ou valor expressivo; b) perde significado pragmático e ganha significação sintática; c) reduz o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático; d) sua variabilidade sintática decresce, isto é, mais sua posição na oração torna-se fixa; e) seu uso torna-se obrigatório em certos contextos e agramatical em outros; f) aglutina-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades; g) perde substância fonética.

Por outro lado, a discursivização ou pós-gramaticalização ocorre quando uma forma migra para um nível não gramatical, nesse caso, deixando de obedecer a restrições gramaticais e passando a cumprir restrições pragmáticas e interativas. Conforme Martelotta *et alli.* (1996: 60), a discursivização é um dos processos especiais de mudança em que elementos discursivos assumem funções de marcadores discursivos, perdendo seus valores semânticos originais e adquirindo valores pragmáticos e interativos. Ao contrário do processo de gramaticalização, segundo Vicent *et alli.* (*apud* Valle 2000: 105), quanto mais uma unidade avança no processo de discursivização, mais ela: a) perde complexidade semântica e significação sintática; b) ganha significação pragmática; c) se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase; d) tende a desenvolver um uso opcional e diversifica suas posições na frase. Tal processo é considerado distinto da gramaticalização, pois abrange elementos que funcionam em um campo de atuação mais vasto que o da gramática. Nesse processo, os marcadores discursivos podem ser usados, por exemplo, em contextos discursivos que sinalizam diferentes atitudes do falante, como: atenuação, avaliação, advertência, insegurança que gera ensaio-e-erro na busca da expressão adequada e, conseqüentemente, preenchem o vazio causado por uma demora no processamento da informação, proveniente dessa insegurança, entre outras funções.

Como podemos perceber, em alguns casos, não é possível traçar uma fronteira nítida entre esses processos. Ao deixar vestígios do imperativo prototípico e do matiz de percepção visual, as formas *olha* e *veja* parecem refletir um *continuum* de mudança, passando a assumir funções voltadas para o ato comunicativo, as quais, na prática, sobrepõem-se e se confundem; além disso, além disso o uso de *olha* e *veja* como marcador discursivo não deve ser visto como um fenômeno isolado e arbitrário.

3. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial: a gente *olha*, mas não *vê*

O verbo olhar provém do verbo latino *oculare*, cujo sentido original era *dar vista*. Na passagem para a língua portuguesa, os dicionários registram que olhar significa *fitar os olhos em, mirar*, referindo-se a uma situação contextual concreta (escrita ou oral). Já o verbo ver deriva do latim *videre*, cujo significado era *avistar, empregar vista, perceber pela vista*. No português contemporâneo é identificado, em sua acepção mais concreta, como *conhecer* ou *perceber pela visão*. Ambos, olhar e ver, estão diretamente relacionados à percepção físico-espacial.

Conforme alertamos na introdução, nosso foco de análise é o uso desses itens lexicais em formas verbais imperativas correspondentes a segunda pessoa gramatical. Nesse sentido, verificamos que, em alguns contextos de ocorrência, as formas *olha* e *veja* são empregadas pelo falante com o objetivo de induzir o interlocutor a cumprir a ação visual indicada pelo verbo, ou seja, um ato de fala manipulativo, a exemplo do que se vê em:

- (1) F: Hoje hoje me dizem dizem assim pra gente: “Ah! Mas você é um homem feliz, você mora numa num lugar nobre.” Eu digo: “Sim. Eu moro num lugar nobre, mas eu nasci no no meio da capoeira, né?”⁴
E: É sim. E aqui aqui pra trás, o que que é aqui tem lotes.
F: Aqui embaixo tem lotes, lote. Aqui tem umas casas grandes, aqui olhe, tem casas grandes ali pra baixo tudo. Aqui está tudo dividido, tudo loteado esse terreno. (CTB 23 L. 194)⁵

Nesse exemplo, a forma empregada tem estatuto verbal bem definido com fortes características interacionais de elemento de contato entre os interlocutores. Entretanto, em outras situações, percebemos que tais elementos tendem a assumir usos que fazem

parte de um campo de significado mais abstrato, isto é, de um valor mais concreto referente à percepção passam a expressar, através de referência metafórica e metonímica, outras significações, como *cuidado comem*:

- (2) F: ... eu vi quando a água apontou, eram cinco horas da tarde quando a água começou a chegar ali, e eu saí correndo pelo edifício todo gritando: “Olha a enchente, olha a enchente, olha a enchente.” É aquele escândalo, né? (POA 04 L. 421)

ou *saber, perceber com a razão, compreender* abaixo:

- (3) E: Dá pra ir qualquer um assim ou não pode?
F: Dá. Dá pra ir qualquer um tomar passe. Era uma bobagem. O cara vai, é guri vai tudo que é lugar, né? É tudo bobagem. Depois vê que é bobagem. (POA 10 L. 1115)

Nesses contextos, os itens expandem seu sentido lexical original e, da mesma forma, apresentam estatuto verbal bem definido.

Todavia, supomos que seja a partir da expansão metafórica identificada em (4) que os itens iniciaram seu uso como marcador discursivo, quando o foco de atenção deixa de apontar para o espaço e remete-se à informação que o falante enuncia, diminuindo o efeito manipulativo sobre o interlocutor. Com esse novo sentido, os elementos começam a atuar como uma espécie de advertência do falante à declaração do interlocutor, como em (4):

- (4) E: Não tinha nenhuma aluna que se apaixonava pelo professor?
F: Não. Até que não teve.
E: Olha, Dona Juce!
F: (riso f) Não não me lembro assim. Tinha um professor que nós até dormia na aula dele. (CTB 16 L.1207)

Nesse exemplo, o elemento lingüístico olha perde seu valor semântico pleno original e adquire um valor pragmático, derivado da necessidade de o falante marcar a interação e, ao mesmo tempo, fazer com que o ouvinte esteja ciente de suas atitudes durante a fala. Nesse caso, a função ainda requer uma participação ativa do interlocutor (o qual, no exemplo acima, reaje e responde). Isso ocorre em razão da permanência do vestígio imperativo, que denominamos *propriedade de chamada de atenção do ouvinte*. Tal propriedade, conforme o contexto, recobre duas macrofunções: a interacional e a textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o interlocutor (componente “orientado para o ouvinte”), enquanto que a segunda mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo (componente “orientado para o falante”). A macrofunção articuladora interacional, bem como suas funções, foram encontradas em grande parte dos dados de nosso *corpus*.

Observe como o caráter dialógico (que podemos designar como o componente interativo da função interacional) está bastante acentuado no exemplo (4).

Mantida essa função interacional, verificamos que, em outras situações, olha manifesta, conforme a entonação, surpresa, alegria ou decepção por parte do falante:

- (5) F: Aí formamos um laboratório, fiquei trabalhando uns três anos, fazendo perfume. As receitas vinham tudo da França.
E: Olha! Era perfume francês! (CTB 06 L. 975)

Nesse trecho, o interlocutor tem sua atenção direcionada ao julgamento do falante, parcialmente cessando o efeito manipulativo sobre o parceiro no diálogo. Observe como nessa etapa da trajetória o componente “orientado para o ouvinte” vai perdendo espaço para o componente “orientado para o falante”. O caráter dialógico é enfraquecido, ganhando relevo o componente expressivo da função interacional.

Em outros contextos, olha, em atuação cada vez mais abstrata, parece revelar que o falante distancia-se do seu interlocutor na tentativa de não se comprometer com a informação dada, isto é, há um envolvimento maior do falante consigo mesmo e com o texto e menor com o interlocutor (menor grau de “intersubjetividade”, cf. Urbano, 1999). Vejamos o exemplo:

- (6) E: Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar?
F: Olha, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. Duas coisas que eu gosto, assim, de fazer, que eu aprendi e gostei de fazer. Uma é uma salada bem gostosa, assim, com frutas, né? e outra é um creme. (FLP 01 L. 595)

Em etapas possivelmente posteriores da trajetória desse item, verificamos sua atuação dupla, pois, além de *chamar a atenção do ouvinte* (macrofunção interacional), paralelamente, auxilia na seqüencialidade das informações (macrofunção textual), sinalizando um grau menor de envolvimento ativo dos parceiros conversacionais. Nesse caso, olha, num estágio mais avançado de abstratização, assume características mais textuais que ajudam na argumentação e exemplificação do texto do falante, como no exemplo (7):

- (7) E: BTN?
F: BTN, quer dizer, tu começa pagando, vamos supor, mil cruzeiros agora, né? daqui uns dois meses tu já estás pagando dois e meio, quer dizer, é difícil pra ti pagares, principalmente que tem outras coisas pra ti fazeres, né? Então o estudo vai ficando pra trás. Ele é importante, mas a gente vai deixando pra trás. Não! o ano que vem eu começo, melhora um pouco, daí eu vou tentar fazer, né? Mas é que está difícil pra estudar, olha está muito caro assim, as prestações são lá em cima, e pra ti pra estudar

num colégio da do Estado, né? é como tu disseste, a gente tem medo, porque de repente não te ensinam direito, não tem aquela coisa assim. Porque colégio particular, às vezes, parece que te dão mais atenção. (POA 12 L. 975)

Ao seguir sua trajetória gradual de mudança, o item pode perder ainda mais o que tem de valor imperativo para marcar determinadas estratégias comunicativas, por exemplo, intenções implícitas de polidez, ou encadear coesivamente o resultado de uma série de argumentos:

(8) E: Tânia, me diz uma coisa agora, dentro da educação, o que tu achas da língua portuguesa? O que é falar bem a língua portuguesa pra ti?

F: Olha, pra mim, eu acho assim, que falar bem a língua portuguesa. Olha, eu nem sei te explicar bem o a língua portuguesa, porque eu tenho tão pouco tempo de estudo, que eu nem conheço bem a língua portuguesa. (POA 12 L. 1024)

(9) F: Eu comecei de ajudante de cozinha da minha patroa, no fogão. Daí, trabalhei com ela de ajudante no no fogão mesmo. Ficava vermelha que nem um pimentão porque, beira de fogão, dia inteiro, né? E daí, foi indo, foi indo, eles tiveram cozinheira, daí trocavam, punham como ajudante, até que minha gerente daí me pôs nesse serviço dela. Daí ela passou fazer a escrita do restaurante e o que ela fazia ela passou pra mim. Aí daí, pra mim foi mais tranquilo pra sair da beira do fogão porque olhe que é um calor, né? (CTB 10 L. 1270)

(10) E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças agora.

F: Pois é. E precisava ter, né? porque veja, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer

fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (CTB 10 L. 176)

Nos exemplos (9) e (10), a relação efeito-causa dá-se independentemente dos itens *olha* e *veja*, entretanto, acreditamos que, quando circundam conectores, atuam auxiliando coesivamente como se fossem uma espécie de ênfase às informações que serão dadas. Interpretamos esses casos, portanto, como relacionais, pois auxiliam, com o conector, na continuidade das informações, constituindo uma estratégia produtiva de desenvolvimento do discurso. Como podemos perceber, nesses contextos começa a se manifestar a macrofunção textual de *olha*, ao passo que a interacional vai gradativamente se enfraquecendo para um uso mais abstrato.

Com base nas considerações apresentadas até aqui, acreditamos ser possível postular que *olha* está mudando de categoria gramatical (verbo manipulativo > marcador discursivo), porém ainda mantém traços interacionais, mesmo em atuação de caráter mais textual, podendo a mudança ser interpretada como um estágio inicial de gramaticalização.

Por outro lado, quanto ao item *veja*, identificamos diferenças no seu caminho de expansão semântica ao compará-lo com *olha*, o que passamos a apresentar na seqüência.

Como o ponto de partida é seu uso inicialmente relacionado à percepção física (visual) e a atos de fala manipulativos, realizado via modo imperativo, verificamos que, na sua trajetória de expansão, há contextos em que se desloca o canal perceptual da visão para a audição, dividindo-o em duas direções, ambas relacionadas a experiências físicas: a) visão e b) audição, conforme podemos observar no exemplo a seguir:

(11) Eduardo, veja os comentários de seu professor de português!⁶

Esses dois usos iniciais de *veja*, com estatuto verbal bem definido, ligados a experiências físicas, são freqüentes na conversação

diária. Entretanto, percebe-se ainda que esse item sofreu um processo de expansão metafórica, deixando de ser apenas um veículo de percepção física e passando a coocorrer com a percepção mental, como em:

- (12) E: Só o salário né? Que vai subir só metade do que deveria né?
F: É.
E: Mas isso.
F: Sei lá, né? Nem do salário não sei Mas você vê a inflação foi pra oitenta por cento de março que barbaridade. Mas isso até dia quinze, né? Tenho a impressão que agora parou um pouquinho, né? (CTB 20 L. 387)

Nesse contexto, o item passa a significar *notar, perceber com a mente, ter visão, compreender, ver com os olhos do espírito, julgar, determinar* (cf. Votre, 1998).

Paralelamente a esses usos como verbo pleno, observa-se que há um enfraquecimento da força ilocucionária prototípica do imperativo e, a partir desse significado de inferência mental, o verbo parece se dividir em três grupos relacionados à percepção: a) visão; b) audição; e c) cognição.

Diferente de olha, o significado estendido de veja (relacionado à percepção cognitiva) implica certas inferências mentais, isto é, solicita que o ouvinte, além de “prestar atenção”, compreenda o que está sendo dito pelo falante.

A partir desse uso gradativamente mais enfraquecido e mais abstrato é que o item veja parece se aproximar de sua atuação como marcador discursivo, compartilhando assim algumas funções com olha nessa nova categoria discursiva.

Há contextos em nosso *corpus* que evidenciam que esse elemento lingüístico adquiriu, juntamente com olha, novos sentidos; todavia, conforme a situação, veja parece reter características verbais (manutenção de desinência modo-temporal e número-pessoal e acompanhamento de

pronome sujeito expresso), o que indicaria um estágio menos avançado no processo de mudança do que olha. Vejamos o exemplo:

- (13) F: Esse aqui era um namorado meu. Ah! meu Deus, que lindo!
E: Nossa! Que bonito, hein!
F: E eu não gostava dele. Eu me escondia.
E: Mas veja!
F: Que pena! Como é que é o nome desse cachorro? Não me escreveu. Mas ele era lindo, ele me adorava e eu não gostava dele. Porque, olha eu podia ser feliz, né? Não, mas era uma uma paixão.
I: Veja o que a senhora fala aí, hein. (CTB 14 L. 1141)

Nesse contexto, o elemento lingüístico veja perde seu valor semântico original e adquire um valor pragmático, derivado da necessidade de o falante marcar a interação face a face.

Da mesma forma que olha, o item veja gradativamente vai diminuindo o efeito manipulativo do falante sobre o ouvinte, distanciando-se do seu interlocutor na tentativa de não se comprometer com a informação dada, ou seja, há um maior envolvimento do falante consigo mesmo e menor com o interlocutor, enfatizando-se, nesse contexto, o componente “orientado para o falante”, mas ainda com atuação “orientada para o ouvinte”, porém em menor grau de “intersubjetividade”. Vejamos um exemplo:

- (14) E: Totalmente? Então quando você diz que é um estado de espírito, mas estado de espírito é uma coisa só tua, tá? e como que funciona esse teu eu com o resto do mundo?
F: Veja bem, se sentir amado de fora pra dentro, sabe? uma outra pessoa gostar de você, tipo homem mulher é um lance, mas se você se sentir amado por uma coletividade, se sentir bem, sabe? se sentir bem, você chegar num lugar e ter várias pessoas, nenhuma delas te conhece você se sente como? (CTB 09 L. 1108)

Em outros contextos, entretanto, observamos que veja adquire um função de caráter mais textual. Nessas situações, veja pode também se ligar a elementos seqüenciais como *então, porque, aí, e, mas* na tentativa de auxiliar na continuidade do discurso, chamando a atenção do ouvinte para o fato de que mais informações serão dadas, como em (15):

(15) F: Na pracinha que tem, agora tem aquela panificadora Pãozinho, do lado ali, era

E: Ah, sei, sei, sei.

F: Então, ali era o ponto final do Vista Alegre. Depois tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns trequinhos de carroça, né? Chovia, você, pra vim de carro pra cá, era só de jipe acorrentado. Então, quer dizer, o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total, porque vê, hoje nós temos rua aqui sem saída. Temos, quer dizer, [pouco] pouca, vamos supor assim, pra você sair prum bairro ou pro outro. A população aumentou pouco também. Isso quer dizer então você tem que ficar. Então a gente se acostuma, já se habituou naquele parado, né? (CTB 01 L.567)

Como se pode observar, veja pode apresentar atuação cada vez mais abstrata, mostrando um valor mais relacional, que auxilia no desenvolvimento produtivo do discurso.

Até aqui procuramos mostrar que, nesse processo de mudança semântica e categorial, os itens parecem percorrer uma trajetória do mundo físico (concreto) para o mundo das idéias (abstrato), o que caracteriza uma progressão no sentido de usos mais abstratos e mais subjetivos.

3 Multiplicidade de funções

Com base na multifuncionalidade e no aparente caráter *continuum* dos itens, procuramos organizar as funções derivadas das macrofunções numa certa ordem que contribui para a proposta de trajetória de mudança.

A macrofunção intitulada *articuladora interacional* fica mais clara quando os itens atuam em contextos de negociação de troca de idéias, de informações, de construção do texto oral, sinalizando claramente a interação face a face e um maior grau de envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais. Essa macrofunção se manifesta, na prática, a partir de um conjunto de funções, as quais denominamos:

- a) *função de advertência*: o contexto em que olha ou veja aparece revela dúvida, incredulidade ou advertência com relação à informação expressa anteriormente pelo falante (cf. exemplo (4));
- b) *função interjetiva*: o contexto em que olha ou veja atua demonstra, devido à entonação, surpresa, alegria ou desapontamento (cf. exemplo (5));
- c) *função atenuadora*: os itens olha e veja introduzem contextos que apresentam um não comprometimento do falante com relação às informações, indicando uma posição de incerteza em relação ao que será dito em seguida. Tais elementos lingüísticos têm a finalidade de limitar ou neutralizar possíveis reações desfavoráveis ou interpretações contrárias ou prejudiciais por parte do interlocutor, ou ainda, podem revelar o não comprometimento do falante com relação à informação (cf. exemplos (6) e (7));
- d) *função prefaciadora*: os itens iniciam contextos em que o falante não desenvolve imediatamente o tópico que o 1^a turno propõe, adiando o atendimento imediato do ponto relevante da informação suscitada pela pergunta do interlocutor. O falante desvia o tópico da pergunta, ficando implícita, através do contexto precedente, a resposta à pergunta do entrevistador (cf. exemplo (16)⁷);
- e) *função de planejamento verbal*: o falante usa o item lingüístico na busca simultânea da manutenção do contato e de tempo para a organização textual. Olha e veja são encontros verbais que funcionam fundamentalmente para manter o canal de interlocução aberto, visto que o falante nem sempre está preparado para um

pronto atendimento a cada nova questão, o que acarreta uma exposição confusa (cf. exemplo (17)⁸).

A macrofunção *articuladora textual* pode ocorrer quando os itens auxiliam na sequencialidade do texto e ajudam a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (componente “orientado para o falante”), caracterizando um maior grau de subjetividade. As funções retórica, exemplificativa, causal e concessiva são derivadas dessa macrofunção.

a) *função retórica*: os itens lingüísticos introduzem a resposta de uma pergunta que o falante formula e ele mesmo responde na seqüência discursiva (cf. exemplo (18)⁹);

b) *função exemplificativa*: os itens olha e veja acrescentam imediatamente informações que particularizam e/ou exemplificam o que está sendo dito pelo falante ou o que foi questionado pelo entrevistador (cf. exemplo (19)¹⁰);

c) *função causal*: os itens olha e veja aparecem na conexão de duas orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a conseqüência, explicação ou conclusão contida na outra. (cf. exemplos (9) e (10));

d) *função concessiva*: encontramos, em nosso *corpus*, apenas a expressão *e olhe lá* como uma espécie de concessão, além da qual o informante não pretende ceder sua opinião a respeito do que diz. Essa expressão parece atuar normalmente no fechamento do turno desenvolvido pelo falante, devolvendo-o ao entrevistador (cf. exemplo (20)¹¹).

Com base na trajetória postulada por Heine *et alli.* (1991), para as mudanças via gramaticalização, é que julgamos pertinente conduzir nossa análise, já que dados do nosso *corpus* mostram que, desde sua atuação como verbos plenos até itens discursivos, apresentam forte componente pragmático, seja orientado para o ouvinte, para o próprio falante ou para o texto.

Esses itens, como vimos, durante o percurso de mudança, perdem parte de seu valor original e de imperativo, para assumir funções pragmático-discursivas. Resta-nos, portanto, verificar qual elemento está mais avançado no processo de mudança, isto é, que esteja desempenhando papéis de caráter mais textual.

4 Considerações Finais

A análise dos itens olha e veja, empreendida ao longo deste artigo, permite-nos apontar algumas contribuições que julgamos relevantes e que recuperamos brevemente a seguir. Todavia, reconhecemos que os limites impostos à pesquisa permitiram certas lacunas e, portanto, há ainda outros aspectos referentes às atuações e rumos dos itens que necessitam de um maior aprofundamento.

Uma revisão na literatura específica e uma análise atenta aos dados de nosso *corpus* permitiram identificar, entre outros aspectos, uma trajetória hipotética de mudança semântica desses dois itens. Além disso, evidenciamos em ambos a *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* que desloca sua referência do contexto situacional para algo do texto do falante. Essa atuação bipartida da propriedade faz ressaltar o forte valor interpessoal (macrofunção articuladora interacional) e textual (macrofunção articuladora textual) dos itens sob análise, já que esses migram de usos mais interativos entre falante/ouvinte (intersubjetividade) até um emprego com maior grau de subjetividade (componente 'orientado para o falante'), isto é, deslocando o foco da atenção do ouvinte do espaço para o texto, contribuindo simultaneamente na seqüencialidade do ato comunicativo.

Após realizarmos um levantamento das macrofunções e funções discursivas assumidas pelos itens no contexto de uso dessas formas, observamos que, de modo geral, dos dois itens, aparentemente, o mais distante de seu estatuto verbal e, portanto, mais avançado no movimento de mudança categorial é olha. Por outro lado, o item veja

parece o mais próximo de seus traços verbais, portanto, menos avançado no processo de mudança. Isso pode ser indício de possíveis percursos diferenciados de gramaticalização das formas investigadas, entretanto, novos estudos são necessários, incluindo dados diacrônicos, a fim de verificar tal hipótese.

Referências Bibliográficas

GIVÓN, T *English grammar: a functional based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993, Vol. I e II.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

HEINE, B. & REH, M. *Grammaticalization e reanalysis in african languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KNIES, C. B. & COSTA, I. B. *Manual do usuário do Banco de Dados Lingüísticos VARSUL*. UFPR, UFSC, UFRGS e PUCRS, 1996.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S. J. & CEZÁRIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ROST, C. A. *Olha e Veja: multifuncionalidade e variação*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2002.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1991.

URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 3ª. ed., São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997.

VALLE, C. R. M. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. In: *Working Papers em Lingüística*. n. 4. Florianópolis: CPGLg, 2000.

VOTRE, S. J. Trajetória de saber e ver. In: VOTRE, S. J. & MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998. (impresso)

Notas

¹ Este texto é recorte de parte da dissertação de mestrado de Rost (2002), vinculada ao projeto integrado *Gramaticalização e Discursivização de itens de base verbal e adverbial* funções e formas concorrentes, sob a orientação da Profª. Drª. Edair Maria Görski, a qual agradeço pela leitura e valiosas contribuições para este artigo.

² Variadas denominações são encontradas na literatura lingüística para se reportar a esses itens, entretanto, neste trabalho, optamos pelo rótulo Marcadores Discursivos (MDs). Conforme estudos realizados, os MDs desempenham funções tanto interacionais como textuais durante a conversação, na medida em que ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando, segundo Urbano (1997: 85), como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores.

³ Escolhemos as formas *olha* e *veja* para representar as duas variantes em estudo. A primeira recobre as realizações *olha* ~ *olhe* ~ [Oya] ~ [Oy] ~ [O], e a segunda, *veja* ~ *vês* ~ *vê*.⁴ Hopper e Traugott (1993: 104) dividem as palavras em três categorias: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”. Os itens lexicais fazem referência a dados do universo bio-social: designam entidades (nomes), ações (verbos) e qualidades (adjetivos).

⁵ Conforme Martelotta, Votre e Cezario (1996: 46), as funções gramaticais dizem respeito a elementos que organizam os itens do léxico no discurso: ligam partes do texto, identificam partes do texto já mencionadas ou por mencionar, marcam estratégias interativas, expressam noções gramaticais como tempo, aspecto e modo.

⁴ Procuramos manter em nossos exemplos a simbologia utilizada nas entrevistas do Projeto VARSUL, as quais extraímos de Knies e Costa (1996): E indica o entrevistador, F identifica o falante ou entrevistado e I o interveniente.

⁵ Todos os exemplos com esse código ao final do trecho foram retirados das entrevistas do Projeto VARSUL. As letras se referem à capital (POA: Porto Alegre; FLP: Florianópolis e CTB: Curitiba); em seguida, os números atribuídos são o da entrevista e o da linha onde se acha um dos itens pesquisados.

⁶ Exemplo meu.

⁷ (16) E: E esses programas aí, da Prefeitura principalmente, pra criar escolas integrais para as crianças ficarem direto, será que resolve? F: Pois é, mas aí você veja, eu conheci o projeto PIA, que a criança até catorze anos fica das sete da manhã às sete da noite, no projeto PIA. Aí, teria que vir daí os pais e fazer eles ficarem das sete da noite até às sete da manhã dentro de casa, né? E eles depois das sete da noite eles ficam na rua até uma, duas horas da manhã cheirando cola, então não resolve nada esse programa. Praticamente, isso aí está está isentando os pais na como como como que eu posso dizer pra você, é ajudar nos gastos da família, porque ele está comendo ali, então, não vai gastar em casa, mas não está colaborando em nada. Esse que é o problema da marginalidade no Brasil, de Curitiba e de lugar nenhum. (CTB 07 L.269)

⁸ (17) E: E que, que, como é que a senhora sente assim a cidade de Curitiba, a senhora gosta daqui? F: Gosto, gosto, sempre gostei. Apesar que eu estava achando agora Curitiba muito suja. E: Suja? F: Suja. Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. Está suja e relaxada, mas isto acho que o culpado mesmo é o governo pelo falta de verba. Porque você vê... eu acho, eu sempre pego uma casa de uma família, eu faço uma comparação com o governo. Se numa casa não há boa administração, então as coisas não vão bem. E assim é o governo, se não tem administração boa o país não pode ir bem, né? (CTB 22 L. 1171)

⁹ (18) E: Tá, agora, assim mudando um pouco de assunto, Ana, o que que tu achas que é falar bem o português? F: Falar bem português? Olha, eu acho que se eu estou conversando com uma pessoa e nós estamos nos entendendo, a gente está falando bem. (POA 08 L. 772)

¹⁰ (19) E: Seu Cláudio, conte um pouco pra nós [da] da época que o senhor fazia teatro, o senhor viajava bastante? F: Ah! Viajei, bah! E: Por onde o senhor andou? F: Olha, fiz Rio de Janeiro, Canecão, me apresentei no Canecão, no Hilton Hotel, fiz São Paulo, fiz Minas Gerais, fiz Juiz de Fora, né? Eu viajei bastante mesmo, viajei tranqüilo, aqui no Rio Grande do Sul, viajei quase todo o estado do Rio Grande do Sul. Era eu, o Carlitos Magallanes, o Rubens Val, nós tínhamos um grupo de típica mesmo, típica clássica, minha dança era típica clássica. Eles se apresentavam como músicos e eu então fazia o bailarino, e ali eu era uma vida boa. (POA 01 L. 677)

¹¹ (20) E: Tu frequenta a igreja? F: Agora não. Só em missa de sétimo dia e casamento, e olhe lá. (POA 13 L. 423)